



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

Mariana Santana Santiago de Oliveira

AS ORAÇÕES RELATIVAS NO PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE: um
estudo sociolinguístico

Rio de Janeiro
2020

Mariana Santana Santiago De Oliveira

AS ORAÇÕES RELATIVAS NO PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE: um estudo
sociolinguístico

Trabalho de Conclusão de Curso submetida à
Faculdade de Letras da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras na
habilitação Português / Inglês.

Orientadora: Prof. Dr. Danielle Kely Gomes

Rio de Janeiro

2020

Mariana Santana Santiago de Oliveira

DRE: 116172955

AS ORAÇÕES RELATIVAS NO PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE: um estudo
sociolinguístico

Trabalho de Conclusão de Curso submetida à
Faculdade de Letras da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras na
habilitação Português / Inglês.

Data de avaliação: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

_____ NOTA: _____

Prof. Dr. Danielle Kely Gomes – Presidente da Banca Examinadora
Departamento de Letras Vernáculas – UFRJ

_____ NOTA: _____

Prof. Dr. Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo – Leitor Crítico
Departamento de Linguística e Filologia – UFRJ

MÉDIA: _____

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Alexandre e Alessandra, a quem dedico todas as minhas realizações, por serem minha base na vida e meu impulso para tudo que eu alcancei e busquei alcançar. Por estarem sempre ao meu lado e pela confiança que sempre depositaram em mim, compreendendo todos os meus sonhos.

A minha irmã, Natália, por termos crescido juntas e pela vivência na minha trajetória, desde sempre.

Aos meus avós, Aldo e Clenir, Luís Carlos e Grasiete, por além de serem base da minha família, terem feito parte da minha criação. Por todo amor, cuidado e conselhos.

A toda a minha família, tias e tios, primos e primas, por todo carinho.

A todos os professores de ensino básico dos quais tive a oportunidade de ser aluna e que colaboraram de alguma forma para a minha formação até hoje.

Aos amigos que fiz na graduação, e que foram meus companheiros nas conversas e nas risadas, e que também fizeram parte diretamente da minha jornada na graduação, na parceria para os trabalhos ou nos estudos. Em especial ao Ruan e a Laura pelos momentos compartilhados nos corredores da Faculdade de Letras.

Ao CLAC, por ter me proporcionado minha primeira experiência em sala de aula e ter propiciado o meu encontro com a docência.

A todos os professores que cruzaram o meu caminho na Faculdade de Letras, e que contribuíram diretamente da minha formação, possibilitando o meu crescimento intelectual e profissional.

A minha orientadora, professora Danielle Kely Gomes, por toda confiança depositada em mim e por todos os ensinamentos.

E por último, mas não menos importante, à UFRJ, em especial, a Faculdade de Letras, por ter proporcionado o despertar da minha paixão profissional e pela minha formação humana e científica de excelência. Por tudo que me ofereceu, e virá oferecer à sociedade, sou grata.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 AS ORAÇÕES RELATIVAS	7
2.1 Na perspectiva tradicional	7
2.2 Nos estudos descritivos	8
3 AS ORAÇÕES RELATIVAS NAS DIVERSAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS ..	11
3.1 As estratégias de relativização no Português Brasileiro	11
3.2 As estratégias de relativização em outras variedades do Português.....	12
3.3 A variação nas estratégias de relativização no Português em Moçambique.....	13
4 A SÓCIO-HISTÓRIA DO PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE	15
5 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: A SOCIOLINGUÍSTICA	
VARIACIONISTA	18
5.1 Descrição do <i>corpus</i> e metodologia	19
6 RESULTADOS	22
6.1 Quanto às variedades estatisticamente relevantes.....	25
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

As estratégias de relativização, construções correlatas às orações subordinadas adjetivas da tradição gramatical, têm sido alvo de investigações sob as mais diversificadas correntes linguísticas – na perspectiva formal, na perspectiva funcional e até mesmo dentro de análises na perspectiva textual-discursiva –, no amplo contexto das variedades do Português. Esse quadro amplo de investigações é influenciado pela complexidade estrutural das orações relativas, o que favorece a variação entre diferentes formas variantes, resultado da correlação entre condicionamentos como as tendências de mudança no sistema linguístico que afetam a estrutura morfosintática das estratégias – que é o caso da generalização do *que* como relativo “universal” –, e o esvaziamento semântico de preposições.

Assim, o estudo das orações relativas pode oferecer subsídios para a discussão teórica sobre a sintaxe das variedades do Português, bem como o conhecimento das estruturas das orações relativas e as possíveis implicações em outras áreas do sistema a partir da variação entre as possibilidades de construção das orações relativas. Por isso, a presente descrição tem como objetivo analisar a distribuição das estratégias de relativização na variedade moçambicana do Português, que ainda se encontra em processo de formação, devido à recente nativização da língua no país.

Em 1975, Moçambique teve sua independência conquistada, e, logo em seguida, passou a ter o Português como língua oficial. Desde então, o número de falantes de Português tem crescido de forma consistente, como mostraram os censos de 1980, 1997 e 2007. Esse crescimento ocorreu, segundo Firmino (1988, p. 98), devido: a) ao aumento do envolvimento dos moçambicanos em instâncias de poder e serviço público; b) ao aumento de situações comunicativas em que os interlocutores não falam a mesma língua Banto – tendo em vista o grande número de línguas autóctones faladas no país e; c) ao incremento do processo de escolarização.

Por isso, o recente aumento do número de falantes do Português, língua que coexiste no território moçambicano com aproximadamente 20 línguas da família Banto (PISSURNO, 2017), torna a variedade do Português falada em Moçambique um contexto extremamente rico do ponto de vista sociolinguístico, dadas as intersecções e as implicações oriundas do contato entre a língua transplantada e as línguas locais, sendo ainda válido considerar que, até 1975, o país contava com um grupo minoritário de falantes da língua (GONÇALVES, 2013, p. 13).

Dessa forma, a presente investigação busca descrever a distribuição e uso das orações relativas no Português em Moçambique com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), considerando estudos prévios a respeito das estratégias de relativização em outras variedades do Português, como as demais variedades do Português em África e as descrições disponíveis sobre as variedades brasileira e europeia. Com isso, busca-se ampliar o conhecimento acerca da variedade moçambicana do Português, da sintaxe de uma variedade ainda em formação, e dos contextos que favorecem a implementação das diferentes estratégias de relativização, mais precisamente a estratégia não canônica cortadora, que vêm emergindo frente a outras estratégias.

2 AS ORAÇÕES RELATIVAS

2.1 Na perspectiva tradicional

As orações relativas, na perspectiva tradicional, são denominadas orações subordinadas adjetivas. Essas estruturas funcionam como adjunto adnominal de um termo da oração principal, assumindo função adjetiva (ROCHA LIMA, 2019, p. 333). As orações subordinadas adjetivas podem se subordinar a qualquer elemento da oração anterior cujo núcleo seja um substantivo ou equivalha a um substantivo, como é o caso dos pronomes.

Dessa forma, as orações adjetivas desenvolvidas se ligam à oração principal através de um pronome relativo, que introduz a oração como um elemento de dupla função: conector da oração encaixada à oração principal e um elemento que exerce uma função em relação ao núcleo da oração encaixada. A depender do termo referente, o pronome relativo utilizado pode ser variável, como *o qual*, *os quais*, *a qual* e *as quais* ou invariáveis, como os pronomes *que*, *quem* e *onde*. Esses pronomes relativos podem funcionar como objeto direto, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal, complemento nominal, adjunto adverbial ou agente da passiva. Contudo, a função do pronome relativo na oração encaixada não necessariamente corresponde à função do referente na oração matriz.

Cunha e Cintra (2013) e Bechara (2017) mencionam ainda a chamada oração adjetiva sem antecedente, embora alguns gramáticos acreditem que haja, nesse caso, um antecedente implícito, que pode ser identificado com o “desdobramento” do pronome em estruturas do tipo “aquele que” e “no lugar em que”:

(1) *Quem* tem amor, tem calma (*Aquele que* tem amor, tem calma)

Tem calma... não tem amor...¹

(2) Passeias *onde* não ando, (passeias *no lugar em que* ando)

Andas sem eu te encontrar.²

Rocha Lima (2019, p. 271) refere-se aos pronomes relativos sem antecedente como pronomes relativos condensados. Esses, de acordo com o gramático, são os pronomes relativos

¹ TAVARES *apud* CUNHA; CINTRA, 1985, p. 360.

² PESSOA *apud* CUNHA; CINTRA, 1985, p. 360.

que, quanto, quem, onde e como, que podem funcionar sem antecedente, condensando duas funções, sendo uma de um termo da oração principal e outra do termo da oração adjetiva. Assim, o pronome relativo nas orações desenvolvidas demonstra papel essencial na estrutura da oração subordinada adjetiva.

As orações subordinadas adjetivas, do ponto de vista tradicional, se classificam em restritivas e explicativas. As restritivas, como o nome já diz, limitam e restringem o termo antecedente, sendo assim indispensáveis ao sentido da frase, não podendo ser separada de seu antecedente por meio de vírgula na língua escrita. As explicativas, por outro lado, são orações que funcionam como um acessório de seu antecedente, esclarecendo melhor sua significação. Essa estrutura, na fala, é separada de seu antecedente por uma pausa, sendo representada na língua escrita por uma vírgula.

(1) Os pescadores *que se arrependem* alcançam o perdão de Deus. (**restritiva**)³

(2) Vozes d'África, *que é um poemeto épico*, representa um alto momento da poesia brasileira. (**explicativa**)⁴

2.2 Nos estudos descritivos

Do ponto de vista descritivo, a oração relativa é aquela iniciada pelo pronome relativo, e figura encaixada em um sintagma nominal na oração matriz. Para Bagno (2012, p. 900), a oração relativa se classifica de tal forma pelo fato da oração ser reconhecida pela função do pronome relativo, que comumente retoma um elemento da oração matriz e funciona como um conector entre a oração principal e a oração relativa. Os pronomes relativos recebem o caso atribuído pelo verbo da oração encaixada.

Contudo, Castilho (2010) e Bagno (2012) apontam para o fato de que os pronomes relativos estão perdendo cada vez mais o valor pronominal, principalmente o *que*, que tem funcionando apenas como um mero conector, o que favorece a utilização das estratégias de relativização não padrão – a copiadora e a cortadora. A oração relativa copiadora é assim classificada devido à presença de um pronome de não-pessoa exercendo a função de pronome

³ ROCHA LIMA, 2019, p. 336.

⁴ ROCHA LIMA, 2019, p. 336.

relativo, isto é, como a palavra *que* está se tornando um mero conector, o pronome não-pessoa retoma o antecedente, exercendo assim a função que caberia ao pronome relativo (BAGNO, 2012, p. 900). Já a oração relativa cortadora é caracterizada pelo corte da preposição exigida pelo verbo da oração encaixada em virtude do caso atribuído ao argumento. Dessa forma, as orações relativas demonstram estar em corrente variação, tendo em vista a flutuação do sistema, que ocorre devido às mudanças no contexto linguístico – como a perda de propriedades sintático-semânticas dos pronomes relativos e o esvaziamento semântico de preposições.

(1) o governo, por exemplo, paga aos funcionários normalmente um ajuste salarial [...] no mês de março [...] onde ele estabelece critérios [...] ***onde ele estabelece índices salariais*** [...] **(oração relativa padrão)**⁵

(2) então essa é a citação de Carbonier ***que eu gosto muito***. **(oração relativa cortadora)**⁶

(3) eu tenho um conhecido, aliás, um amigo comum nosso ***que ele é especialista em comida internacional***. **(oração relativa copiadora)**⁷

Vale dizer que a variação entre as três estratégias de relativização não é influenciada apenas por questões relacionadas a condicionamentos internos do sistema – embora estes possam ser as razões principais para a possível mudança na norma – mas também por fatores externos – os chamados extralinguísticos – e por questões relacionadas à avaliação das variantes por parte dos falantes. Como a língua é um instrumento de comunicação social e de expressão de diferentes indivíduos, que se distinguem tanto social quanto culturalmente, diferentes formas e usos linguísticos são avaliados de formas distintas, o que conseqüentemente também influencia nas normas que regem a variação entre as três estratégias de variação.

Como a estratégia padrão é prescrita pela gramática tradicional, a variante poderia apresentar grande prestígio social, tendo em vista que na modalidade escrita é essa que predomina. Contudo, a relativa padrão tem caído em desuso de uma forma geral e é mais observada em situações em que a variante canônica se faz necessária socialmente, como é o

⁵ NURC *apud* BAGNO, 2012, p. 902.

⁶ NURC *apud* BAGNO, 2012, p. 901.

⁷ NURC *apud* BAGNO, 2012, p. 900.

caso de contextos de alta monitoração estilística na escrita. Vale ainda lembrar que a relativa padrão é também frequente em contextos em que o pronome assume, na oração encaixada, as funções de sujeito e objeto direto, mais acessíveis na hierarquia sintática do que as funções de adjunto adnominal, objeto indireto e as funções oblíquas.

3 AS ORAÇÕES RELATIVAS NAS DIVERSAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS

3.1 As estratégias de relativização no Português Brasileiro

No contexto do Português Brasileiro, doravante PB, a estratégia de relativização padrão tem se tornado cada vez mais rara nos contextos em que o relativo assume funções sintáticas introduzidas por preposição. Em decorrência da perda da propriedade nominal dos pronomes relativos que tem afetado o sistema linguístico do Português, as estratégias cortadora e copiadora têm se tornado mais recorrentes do que a estratégia padrão, que permanece mais frequente em gêneros monitorados na modalidade escrita. Segundo Tarallo (1983 *apud* BAGNO, 2012, p. 914) a estratégia cortadora no contexto brasileiro aparece como a mais recorrente, devido ao fato, também, de os falantes evitarem parecer muito pedantes utilizando a estratégia padrão ou ignorantes demais utilizando a copiadora, ou seja, questões de atitudes do falante podem ser um fator na seleção entre as estratégias disponíveis para os falantes do PB.

Outra questão que tem favorecido o processo de mudança no quadro das orações relativas no PB, e tem se mostrado um fator favorável à implementação das estratégias não canônicas, além da despronominalização do pronome relativo e da atitude do falante, é a questão da interdependência entre fenômenos em variação, o que revela como a estratégia de relativização se encaixa à estrutura linguística e afeta/é afetada por outros componentes da gramática.

Segundo Tarallo (1983 *apud* BAGNO, 2012, p. 918), existe uma correlação entre as estratégias de relativização e de pronominalização – a gramática dos clíticos – pois o falante que utiliza o clítico, tende a utilizar na estratégia de relativização a relativa padrão, já o falante que substitui o clítico por um pronome pessoal *ele*, *elas*, provavelmente fará uso da relativa copiadora, enquanto o falante que realiza a anáfora por meio de uma elipse, tende a utilizar a estratégia cortadora.

Como os clíticos na anáfora estão se tornando cada vez menos frequentes, assim como a estratégia padrão de relativização, essa análise corrobora a utilização cada vez mais sistemática das estratégias de relativização copiadora e cortadora, tendo em vista que o desaparecimento de clíticos tem favorecido cada vez mais essas formas. Assim, o fator de interdependência entre as diferentes partes do sistema linguístico também demonstra influência no funcionamento das estratégias de relativização na variedade do Português falado no Brasil.

Dessa forma, embora a oração relativa padrão seja a estratégia prescrita pela gramática tradicional, especificamente no que se refere aos contextos em que o pronome relativo assume na oração encaixada funções de complementos indiretos/obliquos esta já não retrata mais a realidade do uso das orações relativas no PB, pois têm sido frequentemente substituídas pela estratégia não padrão cortadora, em decorrência de mudanças e tendências no sistema linguístico. Por outro lado, embora a estratégia não canônica cortadora esteja ganhando espaço entre os falantes tanto escolarizados quanto não escolarizados, o mesmo não ocorre com a estratégia copiadora, que é vista negativamente e mais frequente na fala de indivíduos não escolarizados.

3.2 As estratégias de relativização em outras variedades do Português

O Português, de uma perspectiva geral, como mencionado anteriormente, tem demonstrado uma forte tendência à despronominalização dos pronomes relativos, o que sugere uma mudança linguística sistemática. No Português Europeu, doravante PE (ALEXANDRE; HAGEMEIJER, 2013), assim como no PB, a estratégia de relativização padrão tem sido mais frequente em gêneros mais monitorados de escrita, estando em declínio na modalidade oral de uma forma geral. Além disso, a estratégia padrão ainda é mais utilizada pelos falantes mais escolarizados, tendência semelhante à verificada no PB, tendo em vista que as crianças costumam recorrer às formas copiadoras e cortadoras, embora a frequência da estratégia canônica esteja caindo em desuso na modalidade oral de uma forma geral.

No que se refere às variedades do Português faladas em África e aos crioulos de base lexical portuguesa, alguns processos análogos aos verificados ao PB e ao PE se processam. Alexandre e Hagemeijer (2013) atestam que, nos crioulos de base portuguesa da Alta Guiné e do Golfo da Guiné, as preposições que deveriam encabeçar as orações relativas têm sido frequentemente abandonadas e substituídas por um “vestígio” foneticamente realizado que corresponde à forma pronominal de 3ª pessoa do singular. Na oração abaixo, encontra-se um exemplo de cópia defectiva encontrada em um *corpus* do crioulo de São Tomé.

(1) N patxi *tudu djêlu* ku n as ka ê. (“Dividi todo o dinheiro que tenho”)⁸

⁸ ALEXANDRE; HAGEMEIJER, 2013, p. 8.

Neste contexto, a estrutura – denominada pelos referidos autores como cópia defectiva – não se enquadra em nenhuma das estratégias descritas. Trata-se, na verdade, de um outro modelo de estratégia não canônica que não se encontra em todos os crioulos, sendo mais generalizada nos crioulos da região do Golfo da Guiné, mais expressivamente no crioulo de São Tomé. Contudo, na gramática principiensê, a estratégia defectiva se encontra em maior variação com as estratégias copiadora e cortadora (MAURER 2009 *apud* ALEXANDRE; HAGEMEIJER, 2013, p. 10).

Nos crioulos da região da Alta Guiné, a variação entre as diferentes estratégias se encontra de forma mais acentuada. O crioulo de Cabo Verde apresenta um comportamento parecido com PB, pois é recorrente as relativas cortadoras e padrão. Já no crioulo de Santiago a estratégia padrão não é utilizada e há uma variação constante entre as estratégias cortadora, copiadora e de cópia defectiva (ALEXANDRE; HAGEMEIJER, 2013, p. 10).

Nas variedades do Português falado em África (ALEXANDRE; HAGEMEIJER, 2013), mais precisamente em Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique, a realidade sobre as relações relativas é diferente. Nesses países, o Português convive com um número considerável de línguas locais, o que faz com que boa parte da população local seja, no mínimo bilíngue, com muitos falantes tendo o Português como L2 – embora em Moçambique a população falante de Português como L1 tem mostrado crescimento exponencial desde o censo de 1980 até os dias atuais. Assim, as estratégias mais recorrentes nestes países são a padrão e a cortadora, enquanto a copiadora aparece com menos frequência. Quanto à variedade moçambicana, especificamente, os trabalhos de Alexandre e Hagemeijer (2013) mostraram que essa norma linguística se destacou das demais variedades africanas por apresentar um número considerável de dados de orações relativas copiadoras, embora esta afirmação possa ser contestada, o que será exposto a seguir.

3.3 A variação nas estratégias de relativização no Português em Moçambique

Segundo Alexandre e Hagemeijer (2013), como visto na seção anterior, a variedade moçambicana se destaca pela ocorrência da estratégia copiadora nas relativas genitivas. Contudo, os autores se concentram no conjunto pequeno de dados da variedade moçambicana – 21 estruturas em banco de dados de 25.000 palavras –, o que limita o estudo das estratégias de relativização na norma em questão e impede uma reflexão mais consistente sobre a distribuição dos dados na fala moçambicana e a variação nas estratégias de relativização.

O Português em Moçambique é uma variedade relativamente recente e apresenta grande complexidade, pelo fato de o país ser multilíngue – além do Português, Moçambique conta com, pelo menos, 20 línguas autóctones da família Banto (PISSURNO, 2017) – e ter apresentado políticas educacionais recentes para a implementação do Português. Com um número restrito de dados, não é possível construir generalizações sobre o comportamento da norma moçambicana em relação às estratégias de relativização e uma possível “singularidade” da variedade em relação às demais realidades lusófonas em África.

A recente implementação de políticas educacionais para o ensino do Português, também pode ser um fator indicativo de que o Português em Moçambique possa apresentar resultados particulares para a implementação das orações relativas, uma vez que a escolaridade é um fator determinante no momento da escolha da estratégia de relativização, tendo em vista as o comportamento das estratégias de relativização em variedades já apresentadas, como o PB e o PB.

Com isso, descrever a distribuição das estratégias de variação a partir de um *corpora* diversificado se faz necessário, para que se compreenda de forma mais embasada uma estrutura sintática do Português em uma variedade ainda em formação, buscando ampliar o espectro de descrições das estruturas de relativização no Português.

Para isso, adotou-se nesta pesquisa, procedimentos metodológicos que fornecem um quadro mais amplo sobre o comportamento das orações relativas, especificamente nos dados da variedade moçambicana.

4 A SOCIO-HISTÓRIA DO PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE

Moçambique se encontra na região austral da África e está dividido em onze províncias e em cento e vinte e oito distritos, distribuídos em 801.590 Km². Com uma população de 20.579.265 milhões de habitantes, segundo o censo de 2007, aproximadamente 30% deste total se encontra na região urbana, enquanto os outros 70% dos habitantes vivem em áreas rurais.

Figura 1 – Mapa de Moçambique.



Fonte: WIKIPEDIA, 2018.

Tendo como característica uma população multilíngue e pluricultural, Moçambique tem como status de língua oficial o Português, que está em contato direto com vinte línguas do grupo Banto e línguas estrangeiras, como o Inglês, o Árábico, o Hindi, o Guajarati e o Urdu, além de cinco línguas asiáticas (FIRMINO 2002; LOPES 1998 *apud* CHIMBUTANE, 2018). Estas línguas estrangeiras, porém, não são tão faladas quanto as línguas autóctones e o Português, que costumam ser as línguas de contexto tanto de primeira, quanto de segunda língua da população (PISSURNO, 2017).

O primeiro contato de Moçambique com a Língua Portuguesa ocorreu em 1498, quando os portugueses chegaram à Ilha de Moçambique visando uma ocupação estratégica para o império mercantil português (PISSURNO, 2017, p. 76). Por isso, o interesse de Portugal pela colônia de Moçambique não foi motivado pelo mesmo interesse em relação as outras colônias, como foi o caso do Brasil (CHIMBUTANE, 2018, p. 90). Em 1505, o Império foi anexado, e só no início do século XIX a relação colonial foi institucionalizada e as fronteiras do país foram definidas. Embora logo após a Segunda Guerra Mundial a maior parte dos países colonizados por outros países europeus tenham conquistado sua independência, o mesmo não ocorreu com

as colônias portuguesas. Moçambique só se tornou independente após um longo período de luta, que se estendeu de 1962 até 1975, decorrente da emergência de grupos anticolonialistas e nacionalistas, resultando na independência do país em 1975 (CHIMBUTANE, 2018, p. 91).

Apesar de figurar por séculos como uma possessão portuguesa, só nas primeiras décadas do século XX observa-se a construção de uma política de instrução escolar na colônia, visando uma assimilação cultural dos moçambicanos. Com a independência do país, em 1975, a Língua Portuguesa se tornou a língua oficial, tendo em vista que o governo Moçambicano considerou que a adoção do Português facilitaria o intercâmbio internacional, protegendo também a integridade da herança do território e sua unidade (CHIMBUTANE, 2018, p. 98).

Esta escolha estratégica também não deu a nenhum grupo desta região a vantagem de ter a própria língua como oficial. Contudo, embora a Língua Portuguesa tenha estado presente no território moçambicano desde o século XV, apenas um pequeno percentual da população falava o idioma, devido à pouca oportunidade de instrução que os moçambicanos tiveram anteriormente.

A adoção do Português como língua oficial no ano de 1975 resultou em uma nova política educacional para o letramento em massa da população, até mesmo dos adultos, aumentando assim o número de falantes de Português no país, uma vez que durante o período em que Moçambique era colônia a expansão da língua era limitada. Esta política educacional investiu mais em educação que o império Português em todo o período colonial, devido ao aumento das redes escolares e da expansão da língua até mesmo em contextos informais (CHIMBUTANE, 2018, p. 90).

Desde sua adoção como língua oficial, a Língua Portuguesa se apresenta como a língua de prestígio do país. O maior número de falantes de Português se verifica na zona urbana, onde ocorreu o incentivo ao aprendizado da língua de forma massiva após a independência e onde se concentra a maior parte da população escolarizada (PISSURNO, 2017, p. 77). Além disso, é nesta região que o Português é utilizado de forma recorrente, sendo exigido em vários contextos de comunicação, além da escola. Como resultado, o que tem acontecido atualmente é um processo crescente de nativização do Português em virtude do aumento do número de falantes de Português como L1, embora a Língua Portuguesa ainda seja utilizada como L2 pela maioria da população, mesmo urbana.

Nas áreas rurais, as línguas autóctones ainda são as línguas maternas da maior parte da população acima dos 50 anos de idade (PISSURNO, 2017, p. 76). Os mais jovens acabam tendo um contato maior com o idioma pelo fato do Português ser a língua utilizada nos contextos

educacionais. No entanto, estes também têm, em sua maioria, uma língua autóctone como língua materna, o que resulta em uma diferença considerável entre o número de falantes de Português na área urbana – aproximadamente 80% da população seja como L1 ou L2 – considerando que esta é a região onde se encontra a maior parte das pessoas escolarizadas – e a área rural, em que aproximadamente 36% da população afirma falar português (MENEZES, 2013, p. 38 *apud* PISSURNO, 2018, p. 82).

O processo de nativização do Português em Moçambique é recente, e tem ocorrido através da formação de uma nova variedade do português pautada nos valores culturais, identitários e simbólicos de Moçambique, influenciada diretamente pelas línguas autóctones, se tornando um idioma próximo ao contexto pós-colonial sociocultural em que é falado (KACHRU, 1992 *apud* FARACO, 2017, p. 173). Como a institucionalização da língua foi tardia, assim como a alfabetização de parte da população – que só passou a ter instrução formal após a independência do país –, pode-se afirmar que a variedade moçambicana ainda está em formação, compondo suas próprias características dentro de seu contexto linguístico multilíngue.

O incentivo recente ao uso da Língua Portuguesa ficou evidente nos censos de 1980, 1997 e 2007, que mostrou o aumento do Português como L1 de forma gradual, com uma redução proporcional dos falantes de línguas Banto como L1 na zona urbana. Este aumento também foi observado na população rural, embora ainda seja um número não muito expressivo, somando apenas 3,5% da população rural (PISSURNO, 2017, p. 80), devido ao menor contato desta população com Português em situações comunicativas cotidianas. Nesta região, o Português pode ser caracterizado como língua estrangeira. Na cidade de Maputo, região onde os dados deste trabalho foram coletados e capital de Moçambique, o Português é falado preferencialmente por 42,9% da população (PISSURNO, 2017, p. 80), percentual que vem aumentando com o passar do tempo, o que sugere a necessidade de um estudo sociolinguístico a fundo da variedade moçambicana, que já apresenta seu caráter único e vem se moldando de forma gradual com o passar do tempo.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística é a área da Linguística que compreende a língua como uma instituição social (CEZARIO; VOTRE, 2018, p. 141), e que leva em consideração as relações estabelecidas entre a estrutura da língua e os aspectos sociais e culturais. Assim, a língua não é um fenômeno independente, mas se relaciona diretamente às questões referentes à sociedade e às características do meio social em que é utilizada. Como consequência, a língua varia a depender da comunidade de fala, se tornando reflexo de diferenças sociais como origem geográfica, classe social e circunstâncias de comunicação (CAMACHO, 2011, p. 35).

Por essa razão, a Sociolinguística parte do princípio de que os fenômenos de variação e mudança são naturais a todas as línguas, e que o processo de variação é regular, sistemático e motivado por condições oriundas do próprio sistema linguístico e por restrições vinculadas à estrutura da comunidade de fala em que a língua é usada como elemento de integração e interação.

Dentro de diferentes comunidades de fala, estruturas comumente passam pelo processo de variação, o que pode resultar em uma mudança no sistema ou não, pois uma variação pode resultar em mudança, mas a ocorrência do fenômeno da variação não necessariamente implica reajuste no sistema linguístico. Cabe, então, à Sociolinguística, enquanto modelo que se debruça sobre a sistematicidade da variação, descrever as regras do sistema, identificar as porções desse sistema que se organizam por meio de regras categóricas (invioláveis) e revelar as condições que levam à variação em outros elementos da gramática da comunidade de fala.

A língua, por ser um fato social, é um meio de expressão dos indivíduos, que podem compartilhar ou não características entre si, tendo assim que ser maleável para se adequar às necessidades sociais, culturais e geográficas de seus falantes. Por ser inserida dentro do sistema de valores de uma sociedade e, conseqüentemente, em uma comunidade de fala, diferentes dialetos e formas de materializar a língua são avaliados de forma diferente por parte dos falantes, o que a torna um objeto que viabiliza o entendimento de estruturas sociais, e não só relacionados a questões da língua, especificamente.

Este trabalho, à luz do aporte teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança – que postula que (a) a variação é inerente às línguas naturais humanas; (b) toda mudança pressupõe variação; e (c) fatores linguísticos e sociais condicionam fenômenos de variação linguística – busca investigar a variação nas estratégias de relativização do Português em

Moçambique, um país multilíngue e complexo socialmente, tendo em vista a formação recente da variedade do Português no país e o consequente processo de nativização da língua. A variável em questão no Português em Moçambique apresenta as três formas variantes da estratégia de relativização: a padrão, a cortadora e a copiadora, as quais os trabalhos de Alexandre e Hagemeyer (2013) destacaram por ter um uso considerável.

(1) “[...] não tem uma criança *que não fale português* ou *que não vai à escola* [...]” (relativa padrão); (Mulher, faixa A, nível 3 de instrução)

(2) “[...] este *que to a falar dele* aqui ele não está a seguir bem na escola [...]” (relativa copiadora); (Homem, faixa B, nível 1 de instrução)

(3) “eu digo às meninas... olha façam o seguinte... podem não tomar isso muito a peito mas o dia *que eu não estiver mais aqui* nesta... nesta terra... vocês vão se lembrar disso... estudem...” (relativa cortadora); (Mulher, faixa B, nível 2 de instrução)

5.1 Descrição do *corpus* e Metodologia

Para a análise e observação das orações relativas no Português em Moçambique, foram analisados dados de 18 inquéritos recolhidos em Maputo, em setembro de 2016, e pertencentes à amostra principal do projeto *Corporaport – Variedades do Português em análise* (disponível em <http://corporaport.letas.ufrj.br/>). A amostra recolhida foi estratificada de acordo com o sexo do informante, três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 55 anos) e três níveis de escolarização (básico, intermediário e superior). Também foi considerado se o informante era falante de Português como língua materna ou como segunda língua, a partir da autodeclaração. A autodeclaração sobre a aquisição do Português é uma questão controversa, tendo em vista o grande contato entre as línguas autóctones e o Português no país, bem como o bilinguismo de boa parte dos informantes.

No **Quadro 1** apresenta-se a distribuição dos informantes da amostra.

Quadro 1 – Moçambique: distribuição dos informantes em relação a aquisição do Português.

Escolaridade/Idade/Sexo	Nível básico		Nível intermediário		Nível superior	
	H	M	H	M	H	M
Faixa A (18 a 35 anos)	L2	L1	L1	L2	L1	L1
Faixa B (36 a 55 anos)	L2	L2	L1	L1	L1	L1
Faixa C (a partir de 55 anos)	L2	L1	L1	L2	L1	L1

Fonte: Elaboração da autora.

Como se observa, 12 informantes afirmaram ter o Português como L1, enquanto apenas 6 disseram ser falantes de Português como L2. Vale registrar uma reflexão sobre a configuração da faixa C, que comporta os falantes mais velhos: quatro informantes se declararam como falantes de Português como L1, enquanto 2 se identificaram com falantes de L2, apesar de o número de falantes de Português como língua materna ter crescido após o processo de independência e em decorrência da política de ampliação da rede escolar, apenas 5 anos após a proclamação da república – 40 anos atrás (TIMBANE, 2015). Esse fato mostra a problemática da autodeclaração, embora seja difícil não se considerar a declaração para a distribuição dos informantes.

Para a análise dos dados, tomou-se por base o suporte teórico metodológico da Teoria da Variação e Mudança (WEIREICH; LABOV; HERZOG, 1968), que postula que a variação é inerente as línguas naturais humanas e que fatores linguísticos e sociais condicionam os fenômenos da variação linguística, podendo acarretar mudança no sistema ou não. Dessa forma, para o estudo e análise dos 1133 dados recolhidos no *corpus* principal da Amostra Moçambique vinculada ao *Corporaport* em Setembro de 2016, postularam-se 12 variáveis, sendo 7 linguísticas e 5 sociais, inicialmente, como pode ser visto no **Quadro 2** abaixo.

Quadro 2 – As variáveis investigadas.

Linguísticas	Sociais
Função sintática do antecedente Referencialidade do antecedente Distância entre o antecedente e o articulador relativo Função sintática do articulador relativo Tipo de preposição que rege o articulador relativo Tipo de articulador relativo Verbo da oração relativa	Faixa etária Escolaridade Sexo Estatuto do português Línguas dominadas pelos informantes

Fonte: Elaboração da autora.

Os dados foram tratados com a ajuda do software *GoldVarb-X*. No que tange às hipóteses de investigação, foi considerado que:

(a) As variedades do português apresentariam tendências “similares” devido à atuação de princípios universais da gramática, no caso a generalização do *que* como relativo “universal” e o esvaziamento semântico de preposições.

Com isso, buscou-se encontrar ampla variação no emprego das três estratégias de relativização, destacando-se entre as estratégias não canônicas o uso expressivo da estratégia cortadora;

(b) O contato do Português com as línguas autóctones poderia ser um condicionamento importante para a implementação das relativas não padrão, assim como postulado em trabalhos de Brandão (2018), Pissurno (2017, 2018) e Gomes (2019) que destacaram a importância de considerar, na distribuição de regras variáveis na variedade moçambicana, o contato entre as línguas na comunidade.

Nesse caso, a hipótese aqui considerada se opõe à proposta de Alexandre e Hagemeyer (2015), que compreenderam, em seu trabalho sobre as estratégias de relativização na variedade Moçambicana do Português, ser a questão do contato do português com as línguas autóctones uma condição com pouca relevância para a implementação das relativas não padrão nas variedades africanas do Português, assim como apresentado em seus estudos que contaram com uma amostra de apenas 21 estruturas em banco de dados de 25.000 palavras.

6 RESULTADOS

Na análise preliminar dos 1133 dados recolhidos nos 18 inquéritos da amostra principal recolhidos em Maputo de 2016, observou-se um predomínio da estratégia padrão de relativização na modalidade oral do Português em Moçambique. A estratégia de relativização padrão foi recorrente em 87,11% dos dados, enquanto as estratégias não padrão cortadora e copiadora correspondem respectivamente à 11,47% e à 1,41% do total de dados. A distribuição dos dados pode ser observada na **Tabela 1**, a seguir.

Tabela 1 – Distribuição das variantes.

Estratégia	Apl/T
padrão	987/1133 = 87,11%
cortadora	130/1133 = 11,47%
copiadora	16/1133 = 1,41%

Fonte: Elaboração da autora.

Este resultado se direciona ao sentido oposto do que foi possível observar a respeito da distribuição das orações relativas nas variedades do PB e PP, por exemplo, em que a estratégia padrão tem caído em desuso na modalidade oral. Entretanto, o uso pouco expressivo da relativa copiadora já poderia ser esperado, tendo em vista fatores como a avaliação negativa por parte dos falantes e sua complexidade estrutural em comparação a estratégia cortadora – uma vez que apresenta um pronome cópia.

No que concerne as funções sintática dos pronomes relativos na oração encaixada, observou-se que as funções de sujeito, objeto direto e predicativo são as que mais favorecem a implementação das estratégias de relativização padrão. Dentre os 1133 dados coletados, 914 – o que corresponde à 80,67% do total – são de estruturas em que o pronome relativo, na oração encaixada, assume as funções citadas. Nesses contextos, só é possível a variação entre duas estratégias – a padrão e a copiadora. É surpreendente observar que, dentre esses 914 dados de relativas em que o pronome assume as funções de sujeito, objeto e predicativo, 900 são ocorrências da estratégia de relativização padrão, o que corresponde à 98,5% dos dados. Apenas 14 estruturas correspondem à relativas copiadoras.

(1) “[...] mulheres grávidas *que passam a madrugada toda na fila.*” (**relativa padrão de sujeito**) (Mulher, faixa A, nível 3 de instrução)

(2) “sim eles usam geralmente roupas coloridas com cruzeiros eles usam muito aquelas linhas *que amarram.*” (**relativa padrão de objeto direto**) (Homem, faixa A, nível 2 de instrução)

(3) “há obviamente lugares na cidade nos quais a gente possa encontrar pessoas e lidar com elas [...] assim SEM interesse mas lidar bem cuidarmos como os seres humanos *que somos [...]*” (**relativa padrão de predicativo**) (Mulher, faixa B, nível 3 de instrução)

(4) “[...] É cultura e ele acabou dizendo “como não consigo?” deixa-me sacrificar a outra uma senhora *que ela costuma fazer isso [...]*” (**relativa copiadora de sujeito**) (Mulher, faixa A, nível 3 de instrução)

Essa distribuição de dados mostra que a implementação de estratégias de relativização em orações em que o pronome relativo, na oração encaixada, exerce as funções de sujeito, objeto direto, predicativo é uma regra semicategórica. Como estas funções sintáticas não propiciam o uso de preposições, essa porcentagem em que prevalece a estratégia canônica já era previsível.

Na **Tabela 2**, observa-se a distribuição das estratégias de relativização por função sintática do pronome relativo, em que se nota o emprego consistente da estratégia de relativização padrão, e no âmbito das orações oblíquas o uso pouco expressivo da relativa copiadora, que foi utilizada em apenas 0,9 % das orações analisadas em que o pronome relativo exercia a função preposicionada.

Tabela 2 – Distribuição das estratégias de relativização por funções sintáticas do pronome relativos.

Orações em que o pronome relativo, na oração encaixada, exerce as funções de sujeito /objeto direto/predicativo	Orações em que o pronome relativo, na oração encaixada, exerce funções preposicionadas (argumentos e adjuntos)
914/1133	219/1133
80,67%	19,32%

estratégia	Apl/T	estratégia	Apl/T
padrão	900/914 = 98,5%	padrão	87/219 = 39,7%
copiadora	14/914 = 1,5%	cortadora	130/219 = 59,4%
		copiadora	2/219 = 0,9%

Regra semicategórica Regra variável

Fonte: Elaboração da autora.

As orações em que os pronomes relativos exercem funções preposicionadas de argumentos ou adjuntos na oração matriz representaram 19,32% dos dados, distribuídos a partir de uma regra variável. A estratégia padrão foi aplicada em 39,7% dos dados, a cortadora em 59,4% dos dados e a estratégia copiadora apresentou pouca relevância, aplicada em apenas 2 orações das 219 orações preposicionadas analisadas, que podem ser vistas abaixo.

(1) “[...] este *que to a falar dele* aqui ele não está a seguir bem na escola [...]” (**relativa copiadora**); (Homem, faixa B, nível 1 de instrução)

(2) “[...] a senhora *que eu tenho muita estima por ela* que é a dona F. [...]” (**relativa copiadora**); (Mulher, faixa B, nível 2 de instrução)

Dada a regra semicatórica vista nas orações em que o pronome relativo exerce funções de sujeito, objeto direto ou predicativo, e a alta produtividade da estratégia de relativização não canônica cortadora nas orações em que o pronome relativo executa funções preposicionadas, optou-se por observar as condições sociolinguísticas nos contextos em que o pronome assume funções argumentais e oblíquas, já que a variação entre as três estratégias de fato se processa nessas estruturas, o que se revelou no quadro 2, acima.

No **Quadro 3**, foi feita a distribuição das variáveis que foram estatisticamente relevantes para a implementação das relativas cortadoras no PM. Das 12 variáveis previamente analisadas, apenas seis foram relevantes para a implementação das relativas cortadoras no Português em Moçambique, sendo quatro variáveis linguísticas e duas extralinguísticas.

Quadro 3 – Variáveis estatisticamente relevantes para a implementação das relativas cortadoras no Português de Moçambique.

Escolaridade do informante Tipo de preposição que introduz a oração relativa Função sintática do pronome relativo na oração encaixada Função sintática do antecedente na oração matriz Animacidade do antecedente Sexo do informante			
Apl/T	Input Inicial	Input da rodada selecionada	Significância da rodada selecionada
130/219 = 59,4%	.599	.821	.035

Fonte: Elaboração da autora.

Vale ressaltar o fato de que a variável escolaridade foi a indicada pelo programa GoldVarb X como a mais relevante para a implementação das relativas cortadoras, o que pode revelar uma relação estreita entre o domínio da relativização padrão e os índices de escolarização/letramento. É interessante notar que a relevância dessa variável se articula às tendências que se verificam em outras variedades do Português já descritas. Por outro lado, as variáveis que controlavam a questão da aquisição do Português como L1 ou L2 e as línguas faladas pelos informantes não foram selecionadas pelo programa.

Destaca-se também o input da rodada selecionada (.821), bem superior ao input inicial (.599), o que mostra ser a implementação da relativa cortadora um processo em expansão. Por outro lado, os resultados precisam ser tomados com cautela. O valor da significância da rodada (.035) pode ser um indício de problemas na distribuição dos dados.

6.1 Quanto às variáveis estatisticamente relevantes

O programa de análises estatísticas indicou como relevantes para a implementação da estratégia de relativização cortadora as seguintes variáveis linguísticas: escolaridade do informante, tipo de preposição que introduz a oração relativa, função sintática do pronome relativo na oração encaixada, função sintática do antecedente na oração matriz, animacidade do antecedente e sexo do informante, conforme pôde ser visto no **Quadro 3**. A discussão dos resultados será feita de acordo com a ordem de seleção das variáveis linguísticas.

Apenas duas variáveis extralinguísticas — das cinco analisadas previamente (faixa etária, escolaridade, sexo, estatuto do português, e língua dominada pelos informantes) — foram relevantes para a implementação da estratégia cortadora: a escolaridade do informante e o sexo, sendo a escolaridade do informante a mais relevante entre todas as outras seis variáveis.

Na **tabela 3**, a seguir, verifica-se a distribuição dos dados de acordo com o nível de instrução dos informantes – básico, intermediário e superior.

Tabela 3 – Escolaridade.

Nível	Apl/T	PR
básico	51/57 = 89,5%	.850
intermediário	52/78 = 66,7%	.607
superior	27/82 = 32,9%	.166

Fonte: Elaboração da autora.

É possível notar a grande influência dessa variável para a implementação da estratégia cortadora. O nível básico de instrução é o que mais propicia as relativas cortadoras, com (.850) de peso relativo. O nível intermediário também favorece a implementação das cortadoras, com (.607) de peso relativo. Já os falantes de nível superior são os mais resistentes às cortadoras, com (.166) de peso relativo. Observa-se nitidamente uma curva descendente de implementação das cortadoras na medida em que se ampliam os anos de escolarização, o que revela o papel do letramento no uso de formas associadas às variantes de prestígio.

Na **Tabela 4**, a seguir, indica-se a distribuição dos dados de relativas cortadoras em função do tipo de preposição que deveria introduzir a oração relativa, sendo esta a segunda variável que mais favorece a implementação da estratégia não canônica analisada.

Tabela 4 – Tipo de preposição que introduz a oração relativa.

Preposição	Apl/T	PR
em	90/133 = 67,7%	.583
de	11/13 = 84,6%	.236
com	8/10 = 80%	.434
por	2/4 = 50%	.001

Fonte: Elaboração da autora.

Nota-se, no geral, que há um problema de distribuição entre as células, já que a maior parte dos dados se concentra na preposição **em**. Coincidentemente, é o **em** a preposição que mais propicia a implementação das relativas cortadoras (.583). As demais preposições, que apresentam valores de peso relativo abaixo do ponto neutro, se revelam como contextos de desfavorecimento às relativas cortadoras. Os exemplos a seguir ilustram a variável em análise

- (1) “[...] exato são formados faz-se um curso [em] **que são admitidos** [...]” (Homem, faixa B, nível 2 de instrução)
- (2) “[...] sim... e engraçado é que no dia [em] **que prenderam a senhora** tinha lá polícias a conversar.” (Mulher, faixa A, nível 2 de instrução)

Na **Tabela 5**, a seguir, observa-se a distribuição dos dados de relativas cortadora de acordo com a função sintática pronome relativo na oração encaixada.

Tabela 5 – Função sintática do pronome relativo na oração encaixada.

Função	Apl /T	PR
Adjunto adverbial	90/164 = 54,9%	.281
Complemento circunstancial	9/18 = 50%	.393
Complemento relativo	25/27 = 92,6%	.996
Adjunto adnominal	4/5 = 80%	.952

Fonte: Elaboração da autora.

Os resultados indicam que os pronomes relativos que assumem, na oração relativa, as funções de complemento relativo e adjunto adnominal são os que mais favorecem a implementação das relativas cortadoras, com (.996) e (.952), respectivamente. Os exemplos a seguir ilustram esses contextos.

(1) “[...] né e havia uma coisa *que ela até lembrou-se* tava a dizer “olha minha mãe nem sequer nos deixava comer em casa do vizinho” (complemento relativo) (Mulher, faixa B, nível 3 de instrução)

(2) “há pessoas *que não dar para entender certas atitudes* que tem” (adjunto adnominal) (Mulher, faixa C, nível 1 de instrução)

Esse resultado é revelador de uma tendência já verificada em outras variedades do Português: as funções sintáticas menos acessíveis do ponto de vista cognitivo⁹ - ou seja, as que demandam um maior movimento para o encaixamento da oração adjetiva ao termo ao qual modifica - são as que mais favorecem a implementação das relativas não padrão. As funções sintáticas oblíquas nucleares e o adjunto adnominal figuram entre essas funções mais “complexas” (TARALLO, 1983), o que corrobora as tendências verificadas nos dados analisados neste trabalho.

Na **Tabela 6**, a seguir, expressam-se os resultados relativos à função sintática do referente na oração matriz.

⁹ Em um trabalho de 1977, Keenan e Comrie postularam que o papel sintático do referente compartilhado entre a oração matriz e a oração relativa permite identificar diferentes tipos de construções. A partir de uma amostra com aproximadamente 50 línguas, os autores observam que a variação existente obedece a padrões regulares de distribuição e, assim, propõem uma “hierarquia de acessibilidade” das construções relativas. Essa hierarquia segue a direção Sujeito > Objeto Direto > Objeto Indireto > Oblíquo > Genitivo > Objeto de Comparação. Quanto mais à direita do *continuum*, menos acessível é o constituinte.

Tabela 6 – Função sintática do antecedente na oração matriz.

Função	Apl /T	PR
Adjunto Adverbial	31/60 = 51,7%	.323
Objeto direto/Complemento Relativo/Complemento Circunstancial	12/37 = 32,4%	.315
Objeto direto	42/56 = 75%	.716
Sujeito	25/33 = 75,8%	.666
Predicativo	12/17 = 70,6%	.301
Complemento Nominal	8/13 = 61,5%	.731

Fonte: Elaboração da autora.

Os resultados sugerem que complemento nominal, objeto direto e sujeito são as funções que mais propiciam a relativização cortadora, com (.731), (.716) e (.666), respectivamente. As demais funções não se mostraram relevantes estatisticamente. Os exemplos a seguir ilustram cada uma das estruturas que tendem a favorecer a implementação das relativas cortadoras:

(1) “eu cheguei na universidade procurei um curso [...] *que me enquadrasse* sempre gostei de publicidade sempre gostei de marketing... coisas do gênero e... decidi fazer esse curso” (**objeto direto**); (Homem, Faixa A, nível 3 de instrução)

(2) “[...] isso contribui com que haja falta de transporte porque são as zonas muito distantes zonas novas *que não tem (há) lá muita gente* [...]” (**sujeito**) (Mulher, faixa A, nível 1 de instrução)

(3) “bem tenho netos mas por acaso não são muito rebeldes mas tenho pena de alguns pais que tem jovens e *que os filhos saem a noite*” (**complemento nominal**) (Mulher, faixa C, nível 1 de instrução)

Os resultados precisam, contudo, ser relativizados por problemas de distribuição. O contexto com maior peso relativo (a função de complemento nominal) apresenta poucos dados na comparação com as demais variantes consideradas.

A última variável linguística indicada como relevante para o programa de análises estatísticas foi a animacidade do antecedente. Os resultados para esse condicionamento são expressos na **Tabela 7**, a seguir:

Tabela 7 – Animacidade do antecedente.

Traço semântico	Apl/T	PR
[+ humano, + específico]	3/4 = 75%	.018
[+ humano, - específico]	4/8 = 50%	.090
[- humano, + específico]	64/104 = 61,5%	.639
[- humano, - específico]	59/101 = 58,4%	.439

Fonte: Elaboração da autora.

Os resultados revelam que antecedentes marcados semanticamente pelos traços [- humano] e [+ específico] são os que impulsionam a implementação das relativas cortadoras na amostra analisada, com (.639) de peso relativo. Os demais contextos analisados se mostraram desfavorecedores à aplicação da regra. Os exemplos a seguir ilustram a variante que mais favorece as relativas cortadoras.

(1) “[...] fica meio lotado mas não é esquisito depende da chapa que tu for encontrar tem chapa *que não tem condições pra sentar* o cobrador fica alí até apertar [...]” ([- humano, + específico]); (Mulher, faixa A, nível 1 de instrução)

(2) “então penso que se vive uma confusão entre esses valores desta tradição e aquilo *que se pretende que seja a urbanidade*” ([- humano, - específico]); (Mulher, faixa B nível 3 de instrução)

No que se refere à segunda variável social selecionada – e a última dentre as variáveis estatisticamente relevantes – o sexo do informante, os resultados expressos na **Tabela 8**, a seguir, são indicativos de que a comunidade de fala analisada está em franco processo de implementação da variante cortadora.

Tabela 8 – Sexo do informante.

	Apl/T	PR
homens	51/91 = 56%	.380
mulheres	79/126 = 62,7%	.588

Fonte: Elaboração da autora.

Observa-se que as mulheres são as que mais propiciam as relativas cortadoras (.588), enquanto os homens são os que mais rejeitam a variante não padrão (.380). O resultado surpreende, já que os índices sugerem que as mulheres são menos sensíveis ao desprestígio das relativas cortadoras do que os homens.

Esse resultado pode sugerir que estamos, de fato, diante de um processo de mudança linguística, com a generalização da variante cortadora, estando a variante padrão vinculada a contextos de maior letramento/a gêneros mais monitorados da modalidade escrita. Uma evidência que corrobora essa hipótese pode ser verificada no papel das mulheres no processo. Diversos estudos sobre os mais variados processos sociolinguísticos – resenhados em Paiva (2003) – indicam que mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística.

Contudo, é necessário ter cautela diante dos resultados: os dados são insuficientes para oferecer um painel mais amplo da comunidade, e precisam ser associados a outras variáveis sociolinguísticas que não estão contempladas na constituição da amostra analisada, como a própria organização da comunidade em função do sexo do indivíduo, questões relacionadas à inserção da mulher no mercado de trabalho, a relação entre contexto doméstico e contexto social mais amplo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos na amostra analisada notou-se, na análise preliminar — em que foram computados todos os dados em todas as funções — que a estratégia de relativização canônica, de um panorama geral, é a estratégia mais utilizada na modalidade oral do Português em Moçambique. Contudo, na análise seguinte, em que foram separadas as relativas de sujeito, objeto direto e predicativo das orações em que o pronome relativo assumia função preposicionada na oração encaixada, o uso expressivo da estratégia não canônica cortadora chama atenção pela produtividade nestes contextos. Esse resultado mostrou que as estratégias de relativização se encontram em variação no Português falado em Moçambique, e que os falantes têm lançado mão, frequentemente, da oração não canônica cortadora em contextos em que essas estruturas são possíveis, sendo até mesmo mais utilizadas que a estrutura canônica (a estrutura cortadora foi utilizada em 59,4% das 219 orações em que o pronome relativo exercia função preposicionada, enquanto a estrutura padrão foi utilizada em 39,7% dessas orações). Por outro lado, enquanto a oração não canônica cortadora tem se mostrado amplamente difundida, a copiadora não apresentou o mesmo resultado, sendo observada apenas em 2 orações do *corpus* analisado.

Dessa forma, a opção por analisar apenas os contextos favoráveis a implementação da estratégia cortadora no âmbito das estratégias não canônicas ocorreu em virtude da baixa produtividade da outra estratégia não canônica disponível no Português — a estratégia copiadora. Por isso, embora os trabalhos de Alexandre e Hagemeijer (2015) tenham chamado atenção para a ocorrência da estratégia copiadora nas relativas genitivas, estas não foram relevantes nos dados da pesquisa aqui apresentada.

Considerando as variáveis que mostraram maior relevância para a implementação das estratégias não padrão cortadora, chamou atenção a variável extralinguística mais favorável — o nível de instrução dos informantes —, uma vez que os falantes com menor nível de escolaridade são os que mais recorrem à utilização da estratégia cortadora. Este resultado se alinha com o fato da estratégia de relativização canônica ser mais comum na modalidade escrita e na fala de indivíduos mais escolarizados — ainda que com pouca frequência.

Esperava-se, em primeiro momento, que o estatuto do Português fosse uma restrição social favorável para a implementação das relativas cortadoras, mas não houve evidências estatísticas para tal influência. Por outro lado, o sexo dos informantes mostrou resultados interessantes quanto a maior empregabilidade da cortadora pelas mulheres que costumam usar

mais formas linguísticas inovadoras. Entretanto, entre as seis variáveis favoráveis para a utilização da oração relativa cortadora, esta foi a menos influente.

Dos contextos linguísticos que atuaram na implementação das relativas cortadoras, mostraram influência, em ordem de relevância: a) função sintática do pronome relativo na oração encaixada, principalmente quando o pronome assume as funções de complemento relativo e adjunto adnominal; b) a função sintática do antecedente na oração matriz, em que mais se sobressaem as funções de complemento nominal, sujeito e objeto direto; c) antecedentes marcados pelos traços [+ humano, - específico] e [- humano, + específico]; d) o tipo de preposição que encabeça a oração relativa, em destaque a preposição *em*.

Considerando o caráter multilinguístico de Moçambique, os resultados apresentados nesta pesquisa apresentam subsídios interessantes para a descrição das estratégias de relativização do Português, e das variedades do Português em África, oferecendo dados que contribuem para o entendimento do funcionamento de um mecanismo morfossintático da língua, que é influenciado tanto por questões inerentes ao sistema linguístico – como à tendência a generalização do “similares” devido à atuação de princípios universais da gramática e o esvaziamento semântico de preposições – quanto por questões extralinguísticas.

Como o Português em Moçambique ainda está em processo de formação, devido à recente implementação de políticas educacionais para o ensino de Português, compreender uma estrutura sintática em uma sociedade multicultural é também oferecer ferramentas para a descrição de uma variedade rica, devido ao contato do Português com as línguas autóctones, bem como pelo seu processo recente de desenvolvimento no contexto sócio-histórico em que está inserida.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, N.; HAGEMEIJER, T. Estratégias de relativização de PPs no mundo luso-atlântico: crioulos de base lexical portuguesa e variedades do português. *In: MOURA, D.; SIBALDO, M. (eds.). Para a história do português brasileiro: sintaxe comparativa entre o português brasileiro e língua crioulas de base lexical portuguesa. Maceió: EDUFAL, 2013. p. 49-71. v. III. tomo IV.*
- ARIM, E.; RAMILO, M.; FREITAS, T. Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses. *In: ENCONTRO NACIONAL DA APL, 19., 2005, Lisboa. Anais [...] Lisboa: APL, 2005. p. 279-288.*
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 898- 927.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2017.
- BRANDÃO, S. F. (org). *Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018.
- CAMACHO, R. G. Norma culta e variedades linguísticas. *In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 34-49. v. 11.*
- CASTILHO, A. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEZARIO, M. M; VOTRE, S. Sociolinguística. *In: MARTELOTTA, M. E. (org.). Manual de Sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.*
- CHIMBUTANE, F. Portuguese and african languages in Mozambique: a sociolinguistic approach. *In: ÁLVARES LOPEZ, L; GONÇALVES, P; AVELAR, J. (eds). The Portuguese language continuum in Africa and Brazil. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 89-110.*
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.
- COELHO, I. L. *et al. Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- DUARTE, I. Relativas cortadores: inovação ou variação? *In: CONGRESSO DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA, 2., 2012, São Paulo. Anais [...] São Paulo: USP, 2012.*
- FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. 400 p.
- FIRMINO, G. Desvios à norma do português falado em Moçambique. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 4., 1988, Lisboa. Anais [...] Lisboa: APL, 1988. p. 97-106.*

FIRMINO, G. A “*questão linguística*” na *África pós-colonial*: o caso de português e das línguas autóctones em Moçambique. Maputo: Promédia, 2002.

GOMES, D. K. O apagamento de vogais postônicas mediais em duas variedades africanas do Português: condicionamentos linguísticos e restrições sociais na redução de proparoxítonos. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOLOGIE ROMANES, 29., 2019, Copenhague. *Anais [...]* Copenhague: University of Copenhaguen, 2019.

GONÇALVES, P. O português em África. In: RAPOSO, E. B. P. *et al. Gramática do Português*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013. p. 157-178. v. 1.

KACHRU, B. B. Indian english: a sociolinguistic profile of a transplanted language. 1976. Paper.

MENEZES, L. J. J. M. *O ensino bilíngue em Moçambique*: entre a casa e a escola. 2013. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MOLLICA, M. C. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. 1977. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.

OLIVEIRA, G. A acessibilidade das construções relativas na aquisição da escrita. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 78-93, 2015.

PISSURNO, K. C. S. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do Português*: uma abordagem sociolinguística. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. 213 f.

_____. O perfil multilingue de Moçambique. In: BRANDÃO, S. F. (org.). *Duas variedades africanas do Português*: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas. São Paulo: Blucher, 2018. p. 75-91.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2019.

TARALLO, F. *Relativization strategies in brazilian portuguese*. 1983. Dissertation (PhD) University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983. 273 f.

TIMBANE, A. A. Desafios do ensino do português em contexto multilingue do português. *Revista Travessias*, Paraná, v. 8, n. 2, p. 294-315, 2015.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WIKIPEDIA. *Mozambique - Location Map (2013) - MOZ - UNOCHA-es.svg*. 2018. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=66418251>. Acesso em: 30 set. 2019.